

Embranquecer o passado, questionar o presente, aspirar o futuro: Contribuições sobre raça, classe, gênero para o porvir na cidade de Osasco/ SP¹

Autora: Ana Carolina Batista de Almeida Farias- UNIFESP

Palavras-chave: Juventudes. Interseccionalidades, Escolas

Este é um fragmento da pesquisa de doutorado desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na área de Ciências Sociais, em vias da defesa que será em final do mês de agosto de 2024 e pretende fazer trazer uma interpretação de como jovens pensam nos seus projetos de futuro, em três escolas estaduais alocadas na cidade de Osasco, município da grande São Paulo. As escolas estão localizadas uma em cada ponto da cidade: uma próxima ao centro, outra na zona norte e outra na zona sul. Elas serão aqui chamadas de Escola Engajada (zona sul) Escola Apartada (zona norte) e Escola Central (próxima ao centro da cidade). Além disso, os interlocutores principais estão identificados com nomes de orixás, os demais jovens (brancos e negros) e adultos negros com nomes africanos, os adultos brancos com nomes fictícios de origem italiana. A metodologia de trabalho se deu por meio de investigação etnográfica nas três escolas supracitadas entre os anos de 2021 e 2022.

Início este texto relembrando um dia de observação da prova de matemática na Escola Engajada, que após a aplicação, assim que parte dos estudantes deixam a sala, Akin, o professor disse a mim que queria ajudar os estudantes, que antes da prova deu revisão, todos os exercícios da avaliação tinham sido resolvidos previamente no caderno. A avaliação, portanto, valeria 12 pontos, ou seja, 2 pontos extras para ajudar a fechar a média, pois, se não fizesse isso, segundo ele, nem 6 alunos teriam médias suficientes para atingirem as notas mínimas.

Akin compreende e endossa que ele deveria ajudar os estudantes a avançarem as séries, pois, se dependessem apenas do desempenho de cada um da turma, não haveria chance que tirassem notas o suficiente para tanto. O professor sabia das lacunas da pandemia, e da dificuldade que a sala enfrenta com matemática, contudo, mesmo com todos os esforços docente, era possível contar nos dedos quantos estudantes conseguiam compreender a matéria. Ele mesmo chegou a declarar em sala de aula que os estudantes,

¹ Trabalho apresentado na 34^a Reunião Brasileira de Antropologia 2024

caso não melhorem na sua disciplina, não terão chances de concorrer com outros de escolas renomadas, portanto, que eles deveriam estudar mais. Sabendo das dificuldades estruturais da pandemia e das dificuldades da turma, ele se esforçava, em atitudes pessoais, individuais, para que os estudantes tivessem algum desempenho nos vestibulares vindouros a partir dos exercícios em sala e dos exercícios dados em prova.

Já na Escola Central percebi, durante o trabalho de campo, muitos momentos diferentes em relação as outras duas escolas, a começar pelo tratamento dispensado aos estudantes nos dias de avaliação. Em um destes dias de prova, cheguei na escola às 7h35 e vou direto para a sala, a aula começou faz 5 minutos. Quando entro, vejo que a professora Eleonora solicita os cadernos dos estudantes para dar visto enquanto eles realizarão um simulado. Antes da avaliação colocar Eleonora coloca as instruções do simulado na lousa:

- Duração de 45 minutos;
- Provas divididas por cor;
- Todos os cadernos têm questões dissertativas;
- Caso seja pego trocando ideia a prova será zerada.

Enquanto a sala se organiza de maneira autônoma para o início da avaliação sentei perto de um grupo de meninas para acompanhar este dia de aula. A sala está cheia, com quase 40 estudantes e a maioria deles está de máscara, inclusive Eleonora. Quando sentei perto do grupo de meninas uma delas me vê ali e me cumprimenta com um beijo no rosto e me deseja boas-vindas. Trocamos rápidas palavras quando a professora inicia a distribuição das provas.

Como as avaliações estão divididas por cor ela chama aluno por aluno nominalmente para entregar pessoalmente, de acordo com a cor do caderno de questões de cada estudante. Todos ficam quietos na sala para realização da atividade, não tentam nem burlar as regras nem conversar disfarçadamente entre si, eles cumprem os protocolos estabelecidos rigorosamente até o final da avaliação. A maneira como foram tratados, descrita neste relato de campo, revela o tratamento dispensados a estes jovens e o que se espera deles: que tenham alto desempenho e alta performance nos vestibulares e ENEM, por isso, treinam, como o próprio nome da avaliação aponta, simulam, as provas dos vestibulares.

Enquanto Akin, o professor de matemática da Escola Engajada se preocupa com o desempenho dos estudantes na escola pois, segundo ele, sabe que, comparativamente com as escolas particulares, estão em defasagem, e por este motivo precisa ajudá-los inclusive com pontos extras, a Escola Central desempenha de maneira muito diferente com os adolescentes: oferecem um momento de simulação sobre o que eles irão encontrar nos vestibulares, afinal, segundo relatos, em épocas de pré-pandemia, a Escola Central orgulhava-se de ter mais da metade dos estudantes oriundos da escola e ingressantes em Universidades Públicas.

Já em campo na Escola Apartada, fazia uns três meses que os estudantes estavam sem professor de matemática, quem substitui essa aula é o vice-diretor, Plácido. Ele passava exercícios na lousa, alguns faziam a atividade, outros conversavam entre si e uma parte da turma ouve música. No meio desta dinâmica surge uma menina negra com um bebê nos braços e cumprimenta da porta sala a todas e todos e ao que parece ela estava mostrando o bebê para a turma, acredito que ela seja uma aluna que esteja de licença maternidade.

Depois dessa breve visita, Plácido diz para a sala que após o recesso (que aconteceria na 2º semana de abril) possivelmente no retorno já haveria um professor oficial de matemática para a escola. Após a fala de Plácido, os alunos dizem: “Quem vai querer dar aula pra gente, nessa escola? Até parece”. O vice-diretor endossa que a vida de professor é realmente muito difícil, não tem estímulo do governo e os alunos não querem nada com nada, por isso está difícil conseguir alguém que queira estar neste cargo.

Diante de tal fala de Plácido e de como os estudantes se colocaram diante de uma possível negativa, fica evidente quais são as condições de tratamento da Escola Engajada diante dos estudantes e seu próprio olhar sobre eles. É importante lembrar que as três escolas são públicas estaduais e que estão em lugares distintos dentro da cidade de Osasco, que atendem públicos diversos e que cada uma destas narrativas citadas acima, corroboram com os sentidos sobre ideia de futuro que as próprias escolas possuem dos estudantes a depender da localidade da escola e da origem dos estudantes. Como projetar um futuro individual, sem refletir sobre questões materiais e estruturais. Não me parece que as ideias de futuro são descoladas da situação do presente, que também não estão descoladas das circunstâncias do passado. De acordo com Isaurora Cláudia Martins de Freitas (2009) APOUD Mateus (2002):

A essência dos projetos de vida dos indivíduos passa por aquilo que almejam para o futuro. O projeto de futuro é entendido neste trabalho “como a representação de objectivos ou desejos futuros que, a partir de um conjunto de experiências passadas, organiza e confere sentido às ações presentes e quotidianas”. (MATEUS, 2002, p.118)

Foi possível constatar, a partir das observações do trabalho de campo, que a ideia de futuro varia muito a depender das condições de classe social, cor de pele e gênero dos estudantes. Além disso, após o levantamento bibliográfico para aprofundamento sobre a questão, ficou evidente que este tema não foi amplamente explorado para além da psicologia, salve algumas exceções como a discussão de Camen Leccardi (2005).

A autora traz diversas reflexões sobre o modo de vivenciar o tempo e a relação entre presente, passado e futuro que se modificou ao longo da história da humanidade, até a atualidade e o dilema em que os jovens estão submetidos. A maneira de compreender o futuro, de acordo com Leccardi (2005) está intrinsecamente marcada com os acontecimentos históricos que a autora denomina como primeira e segunda modernidade.

Na primeira modernidade, que vai do início da revolução industrial até o início do século XX a ideia de conexão entre os tempos concebe um modelo de futuro a ser seguido, de maneira mais hierárquica e mais sólida ideia do controle sobre a natureza. Já a segunda modernidade (séculos XX e XXI), fruto do “sucesso” da modernização e a influência da globalização, tende implementar este elemento na ideia de futuro, que a partir daí, se torna muito mais fluída e cheia de riscos, um futuro incerto. Isso molda, de acordo com a autora, os jeitos de pensar sobre o que será o porvir dos jovens.

O futuro não é mais projetado a longo prazo, tornando-se, portanto, um “presente estendido”. Isso se aplica a um panorama geral em relação aos jovens contemporâneos que vivenciam este tempo. Ao olhar para as particularidades desta pesquisa, é possível encontrar ressonância com Leccardi (2005) sem deixar de lado as particularidades das estruturas onde cada grupo de jovens está alocado no território e quais destes grupos estão ainda mais expostos ao futuro incerto dentro da perspectiva da interseccionalidade.

Para além da reflexão de Leccardi (2005) a maioria das abordagens são ancoradas na psicologia, como podemos notar em Ivany Pinto Nascimento (2013). A autora aponta

caminhos para compreensão da ideia de futuro de acordo com os caminhos dos indivíduos rumo a seus projetos. De acordo com Nascimento (2013: 86)

As questões: “Quem sou eu? O que eu posso ser? O que fazer para ser o que eu quero? O que eu quero para o meu futuro? Como posso me preparar para realizar meu projeto de vida?”, dentre outras, espelham uma dinâmica plena de questionamentos que os adolescentes fazem para si e para o mundo. Esses questionamentos se estruturam no campo relacional psicossocial gerador de pensamentos, questionamentos, sentimentos e ações.

Este campo está prioritariamente sendo discutido por teóricos da psicologia, que, em diversas pesquisas compreendem a questão do gênero como uma variável dentro da ideia de futuro, porém, não é possível identificar uma intersecção de gênero, classe e raça para a compreensão da construção deste projeto. Diante disso, há uma questão central que deve ser percebida: a ideia de futuro como discussão ausente das Ciências Sociais sem o foco da interseccionalidade. Para tanto, esta tese pretende levantar pontos sobre este assunto, não apenas pela a discussão da questão neste capítulo, como também no próximo, a partir da ideia de branquitude aspiracional, na qual os jovens de modo geral (brancos e não brancos) estão inseridos ao pensar sobre suas perspectivas de futuro.

Para tanto é fundamental compreender como estes dados se revelam no trabalho de campo. Diante disso, foi possível identificar que os jovens das três escolas, apesar de se encontrarem em condições semelhantes no que diz respeito as estruturas de um “futuro estendido” segundo as contribuições de Leccardi (2005), é possível também identificar nuances e diferenças significativas a depender das posições sociais, raciais e de gênero ao constatar, com dados do campo, como jovens imaginam e projetam seus próprios futuros. Destacam-se também as muitas formas como algumas políticas públicas tendem a projetar os futuros para os jovens, como é o caso da inserção da disciplina de Projeto de Vida no currículo do Ensino Médio, como forma de trazer a questão do futuro dos jovens, como imaginada pelo Estado e por fundações associadas ao mercado, para dentro da sala de aula.

Em uma aula de Projeto de vida, na escola Central, foi possível visualizar, como a escola oferece esta aula de acordo com as diretrizes da Secretaria da Educação, ao

propiciar momentos de reflexão para jovens sobre seus futuros. A professora, ao questionar a turma sobre o que imaginavam sobre seu futuro, uma estudante negra disse que ainda não teve muito tempo para pensar nisso, ao passo que, uma estudante branca, diz já ter o seu futuro é traçado pelos pais e que aquela aula não seria muito interessante justamente por já ter algo estabelecido pela família. Neste exemplo fica evidente a marcação de diferentes perspectivas de duas jovens que estudam na mesma sala, porém, tem origens econômicas e étnicas diferentes.

Ao que pôde ser constatado na observação etnográfica, não houve uma reflexão mais aprofundada sobre os motivos destas diferenças de perspectivas pois, a aula termina com uma frase na lousa, escrita pela professora na lousa: “Comece onde está, use o que tem e faça o que você pode. Assim você pode atingir tudo o que quiser”. Ao não levar em conta questões estruturais da interseccionalidade, esta frase aplaina as duas adolescentes, como se ambas estivessem as mesmas condições sociais, materiais. Esta frase estava no material distribuído pela SEDUC na apostila de projeto de vida.

Trago este exemplo de duas garotas, pois, epistemologicamente existe uma ausência das pesquisas com as meninas no campo das juventudes. Isso se justifica a uma série de questões como podemos compreender a partir de Pereira (2023), discute sobre onde estariam as meninas nas pesquisas, nos aponta caminhos para auxiliar na compreensão de como as questões da ordem do gênero adicionados a classe social e cor de pele nos diferentes contextos. Segundo Pereira (2023:53)

Apesar de os estudos de gênero terem alcançado grande repercussão nas ciências sociais e na cena pública brasileira contemporânea, cabe ressaltar que essa não é uma pergunta tão nova no campo dos estudos de juventude. Nos anos 70, na clássica coletânea da Escola de Birmingham, Angela McRobbie e Jenny Garber (1991 [1977]) já questionavam a ausência das meninas nos estudos das chamadas subculturas, realizados no âmbito do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. As autoras destacam não só a falta, mas também a presença estereotipada das garotas, como pouco participativas ou marginalmente representadas. Sendo assim, trata-se de entender se as meninas estariam realmente ausentes nas

subculturas ou teriam sido invisibilizadas nas pesquisas realizadas por homens.

Diante deste cenário, é fundamental que esta variável seja levada em consideração nesta tese, mas apenas este viés não basta. É preciso compreender onde estão as meninas, pretas, periféricas, meninas estrangeiras, as meninas brancas dentro destes espaços e quais são as diferentes perspectivas a partir destes marcadores. Ainda segundo Pereira (2023:56)

Por isso, a pergunta sobre onde estão as juventudes nas pesquisas antropológicas não deve ser vista como um artifício para responder a uma questão com outra, mas sim como a proposição de um chamado para a necessidade de se articular ainda mais profunda e seriamente as questões próprias das culturas juvenis com as das discussões de gênero e sexualidade, além das raciais e de classe social

Para localizar onde estão as meninas e também para outras observações mais apuradas acerca do futuro, um dos melhores espaços de observação, revelou-se durante a pesquisa o espaço dos clubes juvenis presente em duas das três escolas (na Escola Central e na Escola Apartada). Se mostraram excelentes espaços de observação, pois, não há uma intervenção direta dos adultos neste horário de aula, ou seja, este é um momento onde os estudantes intermediam, prioritariamente, seus próprios conflitos suas relações com os pares, revelam seus quereres, expõe sem tantas amarras suas opiniões.

Nos momentos do clube, os estudantes ficam sem a presença de adultos (na escola central duas aulas de 45 minutos e na escola apartada 1 aula de 45 minutos), pois, é um horário de reunião pedagógica junto a coordenação, por isso, não estão circulando na escola nestes momentos, ficando os docentes em um pavimento e os clubes em outro pavimento da escola. Esporadicamente a direção da escola passa para dar algum recado ou observar como as atividades estão ocorrendo, mas esta não é uma prática cotidiana.

Os clubes são fundamentalmente espaços projetados, inicialmente, para que os jovens consigam pensar de maneira autônoma sobre as oficinas que realizam, o que dá a possibilidade, de fomentar momentos de discussão sobre futuro. Como as opções para acompanhar os clubes eram muitas, minha estratégia para saber onde iria ficar naquela semana era caminhar pelos corredores e “sentir o clima” de cada sala, se estavam mais

receptivos, alguma sala que tivesse um maior ou menor número de jovens e também, a variação de cada semana onde ficaria para poder entender um pouco de cada clube. Implementava, assim, mesmo que sem saber, a concepção de “observação flutuante” de Colette Pétonnet (1982) ao me deixar disponível sem alvo fixo de observação no primeiro momento.

Em um destes dias, em uma parada no clube de gastronomia na Escola Central, resolvi entrar na sala para acompanhar o movimento. Ao entrar, fiquei em uma cadeira no fundo da sala. Ras, uma das líderes da turma me viu (menina branca) e veio conversar comigo. Perguntou de onde eu era e o que estava fazendo ali. É importante lembrar que nessa hora do clube estudantes de diversas séries (1º, 2º e 3º série do médio) ficam misturados nas salas, portanto, como só acompanho a sala do 3º B muitos estudantes que estão nos clubes não me conhecem. Eu me apresentei como pesquisadora e perguntei se eu poderia permanecer no encontro e fui autorizada a ficar na sala.

Ras em conjunto com a outra líder iniciaram os trabalhos na sala com mais de 35 adolescentes. Elas explicaram como seria a organização do dia para todas as pessoas presentes e me chamou em seguida para que eu me apresentasse perante o grupo. Eu disse a turma que era pesquisadora e falei brevemente o que estava fazendo na escola.

Após minha apresentação as líderes contaram para toda a turma as histórias e lendas sobre o início da coxinha no Brasil, e neste momento, os adolescentes ficaram bastante atentos. No final dessa apresentação, as apresentadoras levaram coxinhas para todos e distribuíram de mesa em mesa. Enquanto acontecia a distribuição das coxinhas, Ras fazia a chamada e um menino chegava na sala com um forno micro-ondas.

Depois da primeira dinâmica da coxinha Ras disse que os estudantes precisavam anotar todo conteúdo explicado pelas alunas sobre a coxinha no caderno, inclusive a receita da que estava escrita na lousa, quem não fizesse ficaria com falta. Depois desse posicionamento a jovem acrescentou para todos os presentes: “É muito chato ficar só pegando no pé, vocês precisam participar. Não é só vir aqui para comer”.

No segundo momento do clube as líderes fizeram uma massa de bolo de caneca com alguns ingredientes que combinaram previamente de levar. Como a maioria dos participantes não havia levado a caneca para fazer de forma no bolo elas resolveram utilizar uma vasilha grande por um dos meninos e fazer o suporte para o bolo ali mesmo.

Enquanto estava sentada observando a preparação do bolo chegou uma aluna, Matunde, uma menina branca, para conversar comigo e perguntou se eu também faria observação na sua sala (aluna da 1º série do Ensino Médio, portanto, recém chegada na escola pois lá só tem Ensino Médio). Eu disse que a princípio só ficaria na sala de um 3º ano. Matunde continua a conversa dizendo que a escola de onde veio era muito diferente da atual que na escola anterior precisava usar uniforme, tinha lição de casa e que na Escola Central focam mais no protagonismo e no projeto de vida. Quando Ras chegou na conversa falou rapidamente e disse que estava chateada pois as pessoas não levam o clube de culinária a sério e que ela cresceu na cozinha pois o pai dela é cozinheiro e a avó também é.

Após essas conversas, o bolo que foi feito no micro-ondas ficou pronto em uma forma grande e as duas líderes cortaram em pedaços pequenos e ofereceram o primeiro pedaço de bolo para mim. Após a distribuição do bolo para todas as pessoas presentes, terminou o encontro do clube e muitas inquietações surgiram a partir de então. A primeira pista de onde estavam as meninas nos clubes foi dada, e muitas delas estavam no clube de culinária. Porém, gostaria de realizar um paralelo com outro clube, ainda na escola central, desta vez, prioritariamente com o público masculino.

Noutro dia decido acompanhar um clube diferente da culinária e fiquei na própria sala de observação semanal que seria local de acolhimento de um dos grupos. Quando bateu o sinal vi que alguns jovens já estavam chegando na sala de aula onde estava para formar o clube. Neste caso o clube que aconteceria era de basquete então decidi ficar por ali mesmo e acompanhar. Zumbi dos Palmares, o líder do grupo, um menino negro, notando minha presença perguntou quem eu era. Eu disse que era uma pesquisadora que estava desenvolvendo um doutorado a partir da observação daquela escola.

Depois da minha identificação Zumbi dos Palmares pediu silêncio para todos para que eu pudesse me apresentar lá na frente. Após a minha apresentação, ele disse: “Enquanto a pesquisadora estiver aqui e mesmo quando ela sair se comportem, não falem palavrão”. Na sequência a diretora entrou na sala e não houve necessidade de Zumbi dos Palmares pedir silêncio na chegada da diretora. Todos param de falar na mesma hora que veem a chegada dela na porta da sala.

Ela pergunta se o grupo já tinha preparado algo para a culminância, - evento que ocorre no final de cada semestre onde os clubes juvenis e eletivas devem apresentar

trabalhos finais. Os estudantes disseram que ainda não tinham nada planejado, mas começariam a pensar sobre isso. Enquanto observo a interação da diretora com a turma percebo a grande quantidade de meninos, sobretudo negros, nesse clube, por volta de 30 e a quantidade de meninas, que eram apenas quatro. A atividade do clube prossegue na quadra, com os meninos jogando basquete. Há um revezamento entre eles: os meninos maiores começam a jogar, enquanto os meninos menores ficam na arquibancada. Quando os maiores se cansam, os menores entram. As meninas não jogam e quando questionei o motivo, elas disseram que os meninos são muito brutos, que se machucam entre eles, que dirá as meninas. Elas queriam ir para o clube de vôlei, mas, como não tinha mais vagas, elas ficaram no basquete apenas para ficar em algum clube.

A partir destas duas observações, ficou nítido o quanto os espaços e temas dos clubes querem dizer em relação a ideia do papel social de cada adolescente a partir do gênero e cor de pele: meninas prioritariamente brancas na culinária, meninos prioritariamente negros no esporte. Ainda que muitos não pretendam seguir a área culinária ou de esportes no futuro há uma organização, no presente, que mostra sem dizer, qual é o lugar de cada um dos corpos.

Sendo assim, a ideia de futuro, neste recorte, coloca uma possível divisão entre culinária e basquete (além de muitos outros clubes que existem na escola) são liderados por meninas brancas (culinária) e por um menino negro (basquete). O quanto a preocupação dos líderes é diferente em relação a minha presença. Enquanto o líder do basquete quer que seus colegas se portem com respeito na frente da pesquisadora, a líder do clube de culinária quer que os estudantes realmente aprendam algo útil no clube. Muitas vezes, essa menina inclusive parecia o espelho de alguma professora, ou mesmo uma identificação imediata a uma figura materna.

Estes trechos não levaram em consideração os projetos individuais dos estudantes, porém, imaginando que o clube juvenil é um lugar também de pensar sobre futuros, o modus operandi da própria organização das juventudes de maneira mais autônoma, em que os estudantes podem escolher quais espaços querem participar, revela o que os mesmos têm ideias estabelecidas de projeto de futuro a partir dos supostos lugares onde “cabe melhor” cada gênero. Não é possível generalizar, repito, pois neste momento de observação do clube não entrei no detalhe da investigação de cada jovem, mas a organização dos grupos fala por si. Desta maneira, a configuração nos revela que, o

passado, onde estas divisões foram mais rígidas, reverbera na divisão do presente, entre culinária e basquete, e poderá, quem sabe, influenciar na escolha do futuro.

No limite destes dois fragmentos de campo, o quanto a ideia de futuro poder ser pensado para uma menina e para um menino? Levando em consideração que ambos os grupos estão inseridos em uma escola pública central, bem localizada, com as melhores avaliações da rede neste contexto. Estas questões das diferenças entre meninos e meninas, que levou Pereira (2023) escrever sobre as indagações que sempre questionavam também é vista desde sua pesquisa de doutorado. Segundo Pereira (2023:59):

O exemplo maior dessas interações lúdicas ocorreu numa escola em que o principal espaço de sociabilidade no intervalo para o recreio era a quadra esportiva, dominada pelos meninos a jogarem futebol, enquanto as meninas e os meninos que não praticavam o esporte apertavam-se nas laterais estreitas, atentos para protegerem-se de uma possível bolada acidental no rosto. Considero, inclusive, essa imagem bastante potente para aludir a como se estabelecem as diferentes masculinidades hegemônicas, tomando o domínio de certos espaços, mas, ao mesmo tempo, podendo atingir todas aquelas e aqueles que não se alinham a essas formas dominantes de masculinidade heterossexual.

Contudo, como esta é uma tese que considera as diferenças territoriais é fundamental que seja observada as diferenças de perspectivas, no próprio clube juvenil na Escola Apartada, em uma das escolas mais periféricas da cidade. Será que os anseios são os mesmos dentro de um clube juvenil de uma escola que atende outro perfil de estudante? É possível observar estas questões?

Todas as vezes que chegava na Escola Apartada era o momento do clube juvenil (a primeira aula de segunda-feira). Na escola existem diversas propostas de clube: cinema, anime, jogos, esportes entre outros. Para conseguir acompanhar essa atividade do clube, a estratégia era a mesma utilizada na Escola Central: a observação flutuante. Em todas as salas que eu passei os estudantes estavam soltos, sem muita direção e organização para iniciar o clube. Isso ocorria sistematicamente durante o ano de 2022, em praticamente todos os dias de observação de campo.

Os jovens estavam por todos os lados: nos corredores, nas salas, em duplas ou pequenos grupos, mas dificilmente vi algum jovem sozinho. Tive a impressão pela falta de organização dos clubes que este horário é encarado como uma aula vaga onde aproveitam esse tempo para andar pela escola, ficar com amigas e amigos e conversar de temas de seus interesses. Eu tentava esboçar conversas com algumas turmas que estavam na porta das salas e eles ficavam um pouco confusos com a minha presença, alguns achavam que eu era aluna, outros, professora e eu explicava que era sim professora, mas não naquela escola.

Iniciei conversas para saber como estavam organizando os clubes, mas não obtive muitas respostas. Vários estudantes não sabiam do que se tratava o clube daquela sala e tão pouco como iriam começar a organização. Enquanto andava pelos corredores optei em parar em alguma sala e conversar com os estudantes. Entrei em uma sala que tinham dois meninos e três meninas. Quando perguntei qual era o clube eles estavam disseram: “mercado de trabalho”. Eles disseram que estavam esperando algum adulto para organizar o clube. Eles não esperavam ou não foi dito para eles que a organização precisava ser de maneira autônoma.

Fomos conversando e perguntei qual era a experiência deles com mercado de trabalho e futuras expectativas. Duas meninas já tinham trabalhado em lanchonetes das famílias e um dos meninos tinha vendido CDs piratas, outro menino trabalhou em atendimento ao cliente. Sobre as expectativas futuras e quase todos disseram que querem cursar faculdade (exceto uma das meninas) e que de preferência seja uma universidade pública. Os cursos citados foram: arquitetura, veterinária e medicina. Perguntei se eles sabiam como fazer para trilhar estes caminhos e eles disseram que não tinham muita ideia, ainda era preciso planejar. Todos esses estudantes estavam na 3ª série do Ensino Médio. Muitos disseram que precisariam arrumar um trabalho ano que vem quando saírem da escola, um trabalho “de qualquer coisa” para ter dinheiro e pagar as contas. Uma das jovens pediu para que eu falasse das minhas experiências profissionais e contei minha trajetória para eles.

A diferença de organização deste clube da Escola Apartada em relação ao clube da Escola Central nos faz compreender alguns possíveis caminhos de interpretação. É importante relatar que não foi apenas neste dia que presenciei tal episódio e essa era uma marca constante ao longo do trabalho etnográfico nesta escola. A escola se tornou PEI

desde 2021 e, portanto, não tem a mesma experiência acumulada que a escola Central que é PEI desde 2015 para a questão da organização dos jovens em clubes juvenis.

Entretanto, é preciso considerar que, a Escola Apartada atende a um público periférico, prioritariamente negro, diversos são imigrantes e migrantes, e que por sua vez, ao longo da etnografia, apresentaram diferenças de perspectiva de ideia de futuro ao citarem suas próprias condições de vida como impeditivas diante de alguns projetos.

Diante disso, é possível encontrar na literatura novamente na área da psicologia a pesquisa de Marcia Santos e Adriana Oliveira (2021), que realizou um acompanhamento com adolescentes de escolas rurais, periféricas e centrais que corroboram com as diferenças de cada contexto em relação ao projeto de vida/ planejamento de futuro dos estudantes nos respectivos espaços. De acordo com as autoras:

Os resultados chamam atenção para os interesses destacados pelos alunos pertencentes à região rural, quando estes demonstram a intenção de trabalhar imediatamente. Portanto, há uma a necessidade de repensar o contexto educacional e o currículo escolar, direcionando-o para uma educação do campo. Dos alunos da escola rural, 59,3% dos alunos apresentam a intenção de trabalhar imediatamente, contrapondo os alunos da região central, pois apenas 10,2% apresentaram a intenção de trabalhar posterior a conclusão do ensino médio. Dos alunos cursantes da escola da periferia, 27,8% evidenciam interesse em fazer curso técnico, seguindo por apenas 11,1% dos alunos da região rural e 10,6% dos alunos da região central que se interessam por esse projeto (SANTOS; OLIVEIRA, 2021:9).

Desta maneira, é possível observar que o contexto social, tanto na pesquisa corrente, quanto no artigo, possui diferenças substanciais em relação aos públicos e expectativas de futuro de onde os adolescentes estão alocados. No caso da Escola Apartada se encontra na periferia e atende prioritariamente estudantes negros, imigrantes só entrou para o sistema PEI na expansão do projeto, enquanto as escolas mais bem localizadas (Escola Central) teve a possibilidade de entrar antes no programa. A própria estrutura, ainda em construção, mostra o quanto jovens periféricos, ainda que se auto

organizem em um clube sobre “mercado de trabalho” não foram amparados para colocar este projeto em prática. Seja por conta do pouco tempo, à época, da escola pertencer ao programa PEI, seja porque os adultos não tiveram ainda a possibilidade de formar os jovens para organização autônoma dos grupos, independente dos motivos, esta observação revela que jovens periféricos sempre ficam para depois na hora de pensar o seu projeto de futuro, e por isso, precisam se virar com um emprego de “qualquer coisa” para tentar atingir seus objetivos.

Portanto, este perfil da Escola Apartada, além de atender ao público específico, que, ao que parece, é negligenciado por ser periférico em sua estrutura, propicia menos espaços de discussão sobre ideia de futuro e também só foi incluído nas PEIs a partir da expansão por serem periféricos, pois a PEI no território de Osasco atendeu primeiro a escola mais próxima do centro, ou seja, a Escola Central, isso também revela um sistema de exclusão das políticas públicas que se retroalimenta. Ainda que a gestão da escola tente organizar a estrutura dos clubes, fica evidente, em outro episódio etnográfico, o quanto, mesmo com todos os esforços, o tratamento para com os estudantes por parte da gestão é diferente em relação ao tratamento da Escola Central.

Contudo, com a mudança de gestão escolar, houve uma maior tentativa de organização dos adultos em relação aos jovens sobre os clubes juvenis. Certo dia, cheguei na escola e notei uma mudança significativa: foi a primeira vez que não vi os estudantes espalhados pelo corredor. A nova coordenadora (ex-professora de Língua Portuguesa) Valentina chamou todos os estudantes do período na sala de vídeo para fazer uma conversa sobre o clube juvenil.

Todos os estudantes do período foram para a sala de vídeo que era pequena e abafada. Muitos deles ficaram de pé. Diante de todos, Valentina começou dizendo que não houve culminância (atividade de finalização que se faz no final de cada semestre apresentando as atividades realizadas nos clubes juvenis). Por este motivo, no semestre que se inicia os clubes devem se organizar melhor.

Para tanto, Valentina projetava em um telão algumas diretrizes sobre o que deveria ter no espaço do clube juvenil: momento de socialização; divisão de tarefas; responsabilidade; diversão. Valentina deixou explícito, segundo as diretrizes sobre o que não deve ocorrer no clube: momento de aula vaga; momento de bagunça.

Ela continua explicando a finalidade do clube juvenil e fala sobre alguns temas que poderiam ser desenvolvidos neste espaço. Para a gestão é interessante que tenha um clube de teatro, música, cinema, estética, anime, história em quadrinho, entre outros. Enquanto Valentina explicava, os estudantes por vezes ouviam e algumas outras vezes faziam muito barulho e conversavam entre eles, nestes momentos, ela interferia a pedia silêncio a todos.

Valentina perguntava quais clubes já existiam e quem era o presidente e vice-presidente de cada um, ainda assim, ficou obvio que os estudantes não tinham nenhuma estrutura de clubes definidos, mas já tinham uma preferência dos clubes que gostariam de fazer: anime, música, leitura e teatro. Como não havia ainda nem presidente nem vice-presidente, Valentina pediu para que os estudantes mais interessados escolhessem ali na hora mesmo, quem ocuparia cada cargo nos clubes.

Após as escolhas, os estudantes responsáveis começaram a ir para as salas com os grupos que estão mais afinados com os temas propostos. Durante a movimentação dos estudantes, um menino diz na sala: “quero fazer um clube de cachaça para curtir a vida”. Valentina ficou bastante irritada e começou a discutir com ele. À medida que os estudantes se organizavam em grupos, a sala de vídeo foi esvaziando e o horário do clube havia terminado.

Ainda que Valentina seja nova no cargo ela já atuava como professora de português, por isso era conhecida a longa data pelos estudantes. Enquanto a diretora da Escola Central não precisou alterar o tom de voz para verificar o que o clube de basquete estava pensando para a culminância, a coordenadora da escola apartada precisa se desgastar em diversos momentos para pedir silêncio e discute com um dos estudantes. A diretora em questão (da Escola Central) também é nova no cargo de direção, e essas observações nos dão conta que a própria linguagem da escola para com os estudantes provoca reações mais ou menos “emocionadas” a depender da classe social e estrutura que estamos observando.

Apesar das diferenças substanciais entre as discussões de ideia de futuro e clubes juvenis nas duas escolas, uma coisa existe em comum: o discurso nas duas unidades enfatiza que o futuro dos estudantes depende exclusivamente deles mesmos, não considerando a estrutura uma parte fundamental deste debate. Isso ocorre principalmente porque o discurso e materiais enviados pela SEDUC constroem e corroboram este ponto

de vista. Além disso, fica evidente que a ideia de futuro, assim como aparece em Leccardi (2005) existe uma concepção na segunda modernidade, por conta da fluidez e futuro incerto de “futuro sem projeto” que a depender do contexto em que os jovens estão inseridos, podem “ser transformado em recurso graças a um exercício constante de consciência e reflexividade”.

Os fragmentos de campo indicam, assim como a etnografia como um todo que, um território mais privilegiado tende a mostrar para os jovens mais recursos para que os estudantes reflitam com mais consciência sobre seu próprio futuro, contudo, isso depende também de qual estudante estamos falando. Mesmo o estudante seja da Escola Central, caso seja uma menina negra também poderá ser colocada no lugar de estudantes com futuro menos promissor.

Sob uma outra ótica, das Ciências Sociais, para além da investigação do perfil somente psicológico ou das singularidades de estudantes e como compreendem o mercado de trabalho, José Machado Pais propicia um outro tipo de reflexão sobre a mesma temática. Segundo Pais (2016:21):

Para eles a profissão é sobretudo uma vocação. A sua criatividade é um trampolim para transcenderem o presente e se projetarem no futuro, desse modo, tornando presente o futuro. Porém, a natureza estrutural do desemprego continua a ameaçar muitos jovens, originando o badalado fenômeno do nem-nem, jovens que nem estudam nem trabalham. Aliás se a vontade dos indivíduos é determinante para, com autonomia, forjarem seu próprio destino, não podemos menosprezar as condições sociais que criam ou bloqueiam as estruturas de oportunidades -sobre as quais as polícias de emprego não podem deixar de atuar. Tenha-se em conta que o desemprego tem duas faces: é uma realidade individual, subjetivamente vivida, mas é também uma realidade com determinantes sociais.

Os determinantes sociais em relação à ideia de futuro é uma narrativa a ser levada em consideração e pouco discutida na epistemologia específica. Para corroborar com esta questão, há uma pesquisa da saúde que retoma dados da década de 1990 e começo dos

anos 2000 e serve de contribuição para compreensão da estrutura social como com foco nas juventudes.

Estes dados auxiliam para acompanhar um panorama brasileiro que desse muito tempo acontece em nosso país. No artigo da área de enfermagem, sobre projeto de vida, Cristina Peres Cardoso e Maria Inês Monteiro Cocco (2003) destacam o impacto do trabalho forçado em camadas mais populares. Segundo as autoras (CARDOSO; COCCO, 2003:779)

Dados da Organização Internacional do Trabalho mostram que, em 1995, cerca de 73 milhões de crianças entre 10 a 14 anos foram utilizadas no trabalho em 100 países. Conforme emenda constitucional de 1999, é proibido no Brasil qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos. Paradoxalmente, Brasil e República Dominicana foram citados como locais de trabalho semi-escravo na América Latina, e, aqui, o trabalho forçado era admitido pela própria família. Os principais determinantes do trabalho infantil foram: legislação inadequada, pobreza das famílias e sistema educacional deficiente. O trabalho afasta a criança e principalmente o adolescente da escola. Estudando oito milhões de indivíduos entre 5 e 17 anos, que trabalham, verificou-se que 6% eram crianças entre 5 e 9 anos, 4% dos adolescentes, de 10 a 14 anos, não estudavam, e 19,6%, entre 15 a 17 anos, haviam abandonado os estudos

De acordo com os dados da pesquisa de campo apresentada neste trabalho em cruzamento com a bibliografia pertinente, pode-se compreender que os clubes juvenis se tornaram nas escolas PEIs momentos interessantes para as observações inclusive das estruturas postas em cada região da cidade, que atende um público diferente e que, conseqüentemente, tem suas expectativas de acordo com cada público de estudantes.

Ainda assim, não é apenas nos clubes juvenis em que foi possível a observação sobre as ideias de futuro na escola. Nas rodas de conversas realizadas com os estudantes, por exemplo, quando perguntado a eles sobre ideia de futuro, fica evidente o quanto estes possuem consciência das questões sociais que pode impactar em seu projeto. Ao mesmo

tempo, observa-se o quanto alguns deles inseriram os pensamentos neoliberais de que, como bem coloca a professora de projeto de vida da Escola Central: “Comece onde está, use o que tem e faça o que você pode. Assim você pode atingir tudo o que quiser”.

Na Escola Engajada, que não tem o espaço do clube juvenil, porém, também suscita momentos de observação sobre esta temática, geralmente, o discurso sobre ideia de futuro é permeado de incertezas de maneira geral por todos os jovens, mas, que agrava ainda mais esta condição a depender de quem fala sobre questões futuras. Oxumarê que é uma estudante fora dos padrões do que o grupo da sala compreende por uma menina. Poucas vezes ela fala sobre seu futuro pois o seu presente é extremamente ameaçado dentro da escola. A estudante sempre é alvo de abaixo assinado para que volte para o noturno. Ela foi proibida de participar da excursão ao parque de diversões Hopi Hari por causa do seu dito comportamento, neste sentido, para ela fica difícil imaginar um futuro como qualquer outra menina da sala. Diante de tantas evidências de que a ideia de futuro não é apenas uma construção individual e sim estrutural, embora o discurso comum nas escolas oriundo do neoliberal que a questão deve ser pensada individualmente perde-se a dimensão do lugar da cidade onde se está que também repercute sobre a ideia do que é ter um bom futuro diante dos olhos dos adultos, o que pode também fazer parte da construção de novas perspectivas dos próprios jovens, mas não só, uma vez que eles também trazem aos adultos novos jeitos de pensar sobre o futuro.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Cristina Peres; COCCO, Maria Inês Monteiro. Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 6, p. 778-785, nov./dez., 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/ftwyxb38dyQrP6vqyPRGZMm/?lang=pt>. Acesso em 03/07/2022.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/3p3mXn5TfgkkGSnWsXZ3zxr/>. Acesso em 03/07/2022.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Educação e Projeto de vida de adolescentes do ensino médio **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 31, p. 83-100, mai./ago, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/4328>. Acesso em 03/07/2022.

PAIS, José Machado. A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, set., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XJdG8ggSVyv6ZJ3rPmqjCbc/>. Acesso em 03/07/2022.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Onde estão as meninas? Questões para pesquisas sobre culturas juvenis hegemonicamente masculinas. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, Lisboa, Portugal, v. 27, n. 1, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/12900>. Acesso em 03/07/2022.